

ALFABETIZAÇÃO POR MEIO VIRTUAL: ALICE NO MUNDO DA PANDEMIA

Rejane Maria de Almeida Amorim¹

Arlene de Paula Lopes Amaral²

RESUMO

O artigo analisa os desafios e potencialidades da mediação familiar no ensino da leitura e da escrita de crianças, nas aulas realizadas em casa por meio de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), durante a pandemia. A pesquisa, de cunho qualitativo, analisa o processo de alfabetização de duas meninas de seis anos, expostas a diferentes propostas em escolas e cidades distintas, que conseguiram se adaptar com êxito a um modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE), utilizando as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) impostas pela crise sanitária da Covid-19. Os registros sistemáticos da experiência de duas famílias, possibilitou a construção deste estudo. Buscamos suporte teórico em Vygotski (1998) especialmente para abordar a mediação a partir de instrumentos, sujeitos e uns com os outros. Colabora com nossas análises a produção de Rojas (2018), que aborda os vínculos no mundo digital. As três categorias que emergiram do estudo dos relatos são: a) Ultrapassando os limites: quando o vínculo se faz por meio virtual; b) Potencialidades do modelo e desafios para os responsáveis; c) Lições de um tempo que todos precisaram romper com modelos conhecidos.

Palavras Chaves: Leitura, Escrita, Crianças, Tecnologias digitais, Pandemia.

ABSTRACT

The article analyzes the challenges and potential of family mediation in the teaching of reading and writing to children, in classes held at home through the Virtual Learning Environment (VLE), during the pandemic. The research, of a qualitative nature, analyzes the literacy process of two six-year-old girls, exposed to different proposals in different schools and cities, which managed to successfully adapt to an Emergency Remote Education (ERE) model, using new technologies of information and communication (NTIC) imposed by the health crisis of Covid-19. The systematic records of the experience of two families, enabled the construction of this study. We seek theoretical support in Vygotski (1998) especially to approach mediation from instruments, subjects and with each other. Collaborates with our analyzes the production of Rojas (2018) that addresses the bonds in the digital world. The three categories that emerged from the study of the reports are: a) Going beyond the limits: when the link is made through virtual means; b) Potential of the model and challenges for those responsible; c) Lessons from a time that everyone needed to break with known models.

Keywords: Reading, Writing, Children, Digital technologies, Pandemic.

1 Doutorado na PUC/SP em Educação: Psicologia da Educação, Professora Associada do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: rejane_almeida@hotmail.com - <http://orcid.org/0000-0003-3683-4026>

2 Doutoranda em Educação pelo PPGE/UFRJ, Mestre em Educação PPGE/UFRJ. Coordenadora Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Viçosa – MG. arlenedepaula@yahoo.com.br - <http://orcid.org/0000-0002-2982-3663>

INTRODUÇÃO

Desde março de 2020, as escolas, professores, famílias e estudantes foram inseridos em uma nova realidade. Com o desencadeamento da pandemia da Covid-19, foi necessário que as escolas ficassem fechadas e o que, inicialmente, parecia ser algo rápido foi se prolongando e se tornando um desafio para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, em especial, para as turmas de alfabetização como destacaremos nesse estudo.

Sabemos que esse período nos coloca frente às questões do aumento das desigualdades. O fechamento total de escolas e universidades em 102 países e o fechamento parcial em outros 11, somando mais de 850 milhões de crianças e adolescentes sem aulas devido à pandemia de coronavírus (UNESCO: março de 2020), nos dão a dimensão do quão difícil está o enfrentamento dessa nova realidade. Impossível fechar os olhos para essa situação, e difícil pensar na dimensão de exclusão que está sendo aumentando por essa pandemia, como destaca Boaventura (2020), vivemos uma quarentena dentro de outra quarentena da exclusão. Ponderamos que as realidades distintas tomam decisões e desenvolvem meios de driblar a crise de acordo com os meios que têm a sua disposição, muitos com o auxílio de organizações, mas sabemos que nem sempre são suficientes.

Para esse artigo, trazemos um recorte que se constitui de experiências promissoras desenvolvidas durante a pandemia da Covid-19, que se deram com duas meninas de escolas particulares, que acenam para possibilidades distintas da continuação dos usos NTIC para o ensino regular e presencial.

Os registros sistemáticos da experiência de duas famílias possibilitou a construção deste estudo, que pretende socializar como se deu a prática das escolas e a resposta das estudantes frente aos novos desafios. Buscamos suporte teórico em Vygotsky (1998) especialmente para abordar a mediação a partir de instrumentos, sujeitos e uns com os outros. Colabora com nossas análises a produção de Rojas (2018) que aborda os vínculos no mundo digital.

A pesquisa de cunho qualitativo seguiu um percurso que privilegiou os relatos, com destaque para os esforços da família, a escuta, o tempo, a construção coletiva dessa nova normalidade que não aconteceu facilmente. As três categorias que emergiram do estudo dos relatos sobre as quais recaem nossas análises, são as seguintes: a) ultrapassando os limites: quando o vínculo se faz por meio virtual; b) potencialidades do modelo e desafios para os responsáveis; c) lições de um tempo que todos precisaram romper com modelos conhecidos.

Logo no início da pandemia, a escola e as famílias perceberam a necessidade de se reinventarem e de criarem novas estratégias de ensino, cada um a partir de suas concepções, estrutura disponível e seus métodos. Observamos que algumas escolas e famílias têm um formato de tempo/aula e didáticas semelhantes, já outras têm isso de forma bem discrepante. No caso das experiências aqui analisadas, ambas chamadas de Alice, podemos considerar que elas dialogam, porém, cada uma com suas especificidades.

Como no clássico, Alice no País das Maravilhas, em que uma menina guiada pela curiosidade se vê mudando de cenário rapidamente, as meninas sujeitos desse estudo mu-

daram completamente suas rotinas e modos de se relacionar e foram para um mundo um pouco mais conhecido que o mundo da Alice do clássico, mesmo assim bastante desafiador, por vezes sombrio e inseguro, numa jornada que ainda não acabou.

A experiência de ensino remoto emergencial - ERE em uma escola particular mineira, interiorana, foi, inicialmente, proposta com a finalidade de manter o vínculo da escola com as crianças. Os professores do primeiro ano do Ensino Fundamental gravavam vídeos-aulas e as enviavam para os alunos semanalmente, postadas na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Essas aulas eram acompanhadas de atividades em folhas de texto que o aluno realizava em casa, sem a necessidade de retorno ao professor. Nesse período também, a escola solicitou e disponibilizou aos pais a retirada do material didático, livros e cadernos que estavam na escola.

No entanto, com o passar do tempo, esta metodologia foi alterada, após um mês de paralisação das aulas presenciais, todos os estudantes da classe começaram a assistir aulas diárias, síncronas via plataforma *Microsoft Teams*, utilizando de videoconferências, em um ambiente digital estruturado, com aulas previamente programadas, e realização de avaliações dentro desse próprio ambiente. Desse modo, os estudantes passaram a ter três aulas síncronas todos os dias, no período da tarde em horários previamente programados, possuindo duração de quarenta minutos para cada aula e intervalo de dez a vinte minutos entre elas. A cada quarenta minutos muda-se o professor e alterna-se a programação de horários com as aulas de português, matemática, história, geografia, ciências, inglês, artes, e de educação física. Essas aulas, também são gravadas e ficam disponíveis na plataforma *Microsoft Teams* para atender as crianças que, por ventura, não conseguem participar da aula síncrona.

Nesse Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA é disponibilizado um plano semanal para que as famílias possam acompanhar e organizar o material do dia. A escola também se utiliza de uma ferramenta de comunicação digital com os pais que já se encontravam em operação antes da pandemia da Covid-19. Uma plataforma digital da própria rede de educação, que permite o diálogo com os professores, coordenadores e área administrativa da escola, além de postagem de atividades diversas e divulgação dos resultados das avaliações periódicas dos alunos. Essa ferramenta é interligada ao e-mail dos pais, com possibilidade de acesso via computador ou celular.

As atividades periódicas a serem realizadas fora do horário das aulas continuaram sendo enviadas via arquivo de texto aos e-mails dos pais através da plataforma digital da própria rede de educação, enquanto o professor passou a utilizar os livros didáticos durante a condução das aulas síncronas. Assim, as respostas das atividades são realizadas nos cadernos e livros didáticos. Sendo que algumas dessas, especificamente programadas, é realizado retorno ao professor via e-mail em formato foto, toda vez que solicita. Também ocorrem correções dessas atividades durante as aulas síncronas.

Nesse formato de aula remota são desenvolvidos projetos e avaliações em diferentes formatos. Uma das avaliações é realizada na plataforma digital *Microsoft Teams* em formato de um jogo, no qual são apresentadas atividades para as crianças, as quais necessitam responder através de opções objetivas. Além de um portfólio digital, que está sendo construído com as atividades que atestem às aprendizagens mais significativas ao longo bimestre letivo. Segundo a professora, esse material conta a história do percurso de

aprendizagem das crianças e serve para acompanhar o progresso do trabalho e fazer os ajustes necessários.

A escola buscou seguir o seu calendário normal, e cumprir o conteúdo anteriormente programado. As crianças tiveram férias, recessos, com alterações ao calendário escolar, de forma a se ajustar ao período de um mês que permaneceu de forma menos estruturada. Percebeu-se que a proposta de organização na pandemia, adotada pela escola, buscou transformar o ambiente doméstico, durante as aulas síncronas, especialmente, no ambiente mais próximo possível ao que se dava na sala de aula, antes da pandemia da Covid-19.

Passemos ao breve relato do caso da escola localizada na capital carioca. Nessa escola os estudantes acompanham as aulas em um *Padlet*³, criando pela professora para colaborar com a organização e com a autonomia dos estudantes em um AVA. Na figura 1 vemos o formato do *Padlet*, cada coluna se refere a uma disciplina e também questões que são destaque para pais e estudantes como: plano semanal de aula online, compartilhamento de fotos, vídeos de atividades dos alunos, quadro para questionamentos, poesia da semana, histórias sugeridas, jogos online, leituras oferecidas e etc.

A escola mantém uma plataforma Pronode que sempre foi usada como meio de comunicação e postagem de avaliações pela escola. Essa plataforma continua ativa e sendo usada pela maioria dos estudantes maiores, mas a opção pelo *Padlet* foi muito bem-vinda, pois facilitou o acesso, já que não possui senha para entrar e além disso, visualmente contribui para que os estudantes busquem a aula do dia pela data que a professora vai fazendo a postagem.

Já na segunda semana de pandemia tudo estava implantado e funcionando. No último dia de aula presencial, os estudantes trouxeram para casa todo material didático usado na escola (cadernos, livros, diários, fichas, etc).

As aulas síncronas realizadas via plataforma *Zoom Meeting*⁴ começaram uma vez por semana, depois passaram para duas vezes e logo a seguir passaram para 3 aulas de 40 minutos cada; sendo uma de português, uma de matemática e outra de francês (no caso o idioma oficial da escola). Para essas aulas os estudantes são divididos em grupos de 5 em francês, 8 em português. Após as férias de julho introduziram uma aula síncrona de esportes também, que tem durado meia hora, com toda classe reunida.

A organização das outras disciplinas como, Música e Conhecendo o Mundo são postadas no *Padlet*. Algumas vezes a professora faz parte das aulas síncronas sobre as temáticas do Conhecendo o Mundo, como foi o caso do acompanhamento do plantio de uma batata doce, pois as temáticas caminham junto com as outras disciplinas. Diariamente são postados vídeos da professora em diversos formatos, *podcasts* com explicações detalhadas de atividades dos livros e de outras propostas de projetos que realizam. Recursos Educacionais Abertos (REAs) estão sempre presentes e são indiscutivelmente os mais

3 ○ Padlet é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e compartilhar conteúdos multimídia. Funciona como uma folha de papel, onde se pode inserir qualquer tipo de conteúdo (texto, imagens, vídeo, hiperlinks) juntamente com outras pessoas. Com a mesma conta pode-se criar vários murais. O site pode ser acessado em <https://pt-br.padlet.com/>.

4 ○ Zoom Meetings é uma ferramenta de videoconferência voltada para ambientes corporativos que suporta reuniões com até 500 participantes e 10 mil expectadores no modo webinar. Muito utilizada no meio empresarial, a solução se destaca pela estabilidade da conexão em qualquer dispositivo, hoje tem sido largamente utilizada pelas escolas de todo o mundo para realizar suas aulas síncronas.

bem-vindos. São aulas de outros professores, contação de histórias, anedotas, músicas, apresentações teatrais, aulas de yoga, atividades artísticas, tutoriais de atividades das mais diversas ordens. A opção de vídeos em que a professora aparece no canto inferior direito da tela é o mais usual, tanto pela professora regente como pela professora de Português. Tudo muito dosado e dentro do contexto.

As atividades realizadas são enviadas para o e-mail da professora em formato foto, toda vez que solicita. Também realizaram sondagens individuais via plataforma *Zoom*. Recebemos livros digitais toda semana, os estudantes dispõem de dois Aplicativos que foram assinados pela escola, o *Lalilo*, que é composto apenas por jogos para o aprendizado do Francês e uma plataforma de leitura, chamada *Rallye lecture*. Nessa plataforma os estudantes leem livros interativos e respondem a um *quiz* sobre o tema. Ambos são bem aceitos pelas crianças, em especial o *Lalilo*. A escola seguiu seu calendário normal, tiveram férias, recessos, tudo conforme constava no calendário. A forma dinâmica de organização na pandemia se espelhou em escolas da mesma rede localizadas em países que já estavam vivenciando a pandemia a mais tempo.

São poucas as aulas síncronas, mas muito importantes. A professora sempre propõe jogos, atividades lúdicas e aos poucos percebemos o quanto esse processo foi sendo compreendido pelas crianças, professores e pais. A escola seguiu um percurso bem organizado e com propostas bem distintas do que seria uma aula na escola. Também nessas aulas não se faz a mesma coisa que está proposta no *Padlet*, elas possuem outras estratégias para fortalecer um conteúdo e estabelecer um diálogo com as crianças

Em música e artes os estudantes produziram em conjunto um vídeo em que todos cantam uma ciranda, foi um momento interessante de aprender a gravar e organizar um trabalho coletivo remotamente. Além disso, recebem semanalmente vídeos com propostas dentro da área e dos temas tratados.



Figura 1 – exemplo de um Padlet (Fonte: <https://pt-br.padlet.com>)

EMBASAMENTO TEÓRICO

Conforme alerta Demo (2011), a construção do conhecimento científico organiza-se numa multiplicidade, sempre desafiada a elaborar modos de leituras sobre a realidade, envolvendo ideologias, metodologias, interações dialógicas entre sujeitos, contextos e pesquisadores, além de concepções sociopolíticas e históricas. Partindo desse ponto de vista, o Relato de Experiência ganha força como uma possibilidade de criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e pro-

duções subjetivas, como é o caso da educação. Tomamos esse método, amparadas pelas teorizações advindas da psicologia sócio-histórica (VYGOTSKY, 1998).

Os Relatos de Experiência que elaboramos constituem-se de rico material que de forma ininterrupta acompanhou os movimentos de compreensão do novo cenário, estratégias práticas das crianças de se adaptar ao novo e as pistas do que funcionava ou não em determinados contextos. Apreendemos do real a inteireza do fenômeno, uma vez que durante todo o tempo da mudança de realidade tudo se passou em um mesmo espaço de convivência e com a mediação da professora, dos recursos tecnológicos e da família. Nunca antes conseguimos assistir a tantas aulas como nesse período, nem perceber as reações das crianças em tempo integral.

O destaque para a teoria da dupla formação das funções psicológicas superiores, a internalização, compreendida por nós como a configuração do meio pelos sujeitos, a mediação e a zona de desenvolvimento proximal, são pilares teóricos Vygotskianos para compreendermos o processo de adaptação e aprendizagem das crianças.

As funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, 1998) compreendem a consciência, a intenção e o planejamento, dizem respeito ao estabelecimento das relações sociais que aparecem, primeiramente sob a forma de processos intermentais, ou interpessoais, que significa que o conhecimento se dá entre os sujeitos, num contexto externo para depois passar para processos intramentais ou individuais. É no social para o individual que o homem se constitui, de fora para dentro, o que significa dizer que o homem tem características próprias, mas necessita da experiência do outro para viver melhor. Já para o entendimento do processo de internalização, compreende-se que a aprendizagem se dá mediante a reconstrução interna de uma operação externa, ou seja, quando o sujeito consegue reconstruir um conhecimento existente, resultado dos processos interpsicológico e intrapsicológico, em que configura o meio, encontra estratégias internas de apreender o externo.

Esses processos cognitivos se amparam na categoria mediação, enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações. Pino ressaltava que Vygotsky não atribuiu “uma definição única, unificada” à mediação (1991, p.179), diferentes significados surgiram ao longo do processo de sua escrita. Baseados em Vygotsky, Pino (1991) e Oliveira (2010) ressaltam que a mediação é uma intervenção de um elemento intermediário em uma determinada relação, de modo que essa relação não é direta, mas mediada por um terceiro elemento.

Por último, destacamos o conceito da zona de desenvolvimento proximal, como um dos níveis de desenvolvimento pelo qual a criança passa no processo de aquisição do conhecimento e que serve para indicar o nível de desenvolvimento em que se deve intervir para que a criança avance e aprenda o conhecimento em potencial. Para Vygotsky (1998) a capacidade de a criança realizar tarefas sozinha representa o nível de desenvolvimento real, resultado de processos maduros. Neste nível, a criança já tem consolidado o conhecimento. Já o nível de desenvolvimento potencial, significa o conhecimento que está por vir, aquele que pode se tornar real, e que foi detectado na zona de desenvolvimento proximal. Representa o conhecimento que pode ser alcançado com a ajuda do outro, de um colega, pais, professores, ou mesmo, por qualquer objeto sócio-cultural. Portanto, os esquemas

cognitivos ou comportamentais nas variadas situações de aprendizagem são únicos desenvolvidos por meio da mediação do próprio sujeito em relação ao objeto de conhecimento.

ANÁLISE DAS CATEGORIAS

Dentro dos limites que se interpõem nesse artigo, analisaremos as três categorias que, partindo dos pressupostos teóricos já destacados e em conjunto com referenciais que apoiem cada elemento distinto revelado no processo, poderão responder ao nosso recorte para essa pesquisa, que tem como objetivo analisar os desafios e potencialidades da mediação familiar no ensino da leitura e da escrita de crianças, nas aulas realizadas em casa por meio de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), durante a pandemia.

ULTRAPASSANDO OS LIMITES: QUANDO O VÍNCULO SE FAZ POR MEIO VIRTUAL

A adaptação ao ERE tem sido incorporado em nossas vidas. No caso das crianças que estão no processo de alfabetização, os desafios são muitos, principalmente no que diz respeito ao vínculo afetivo entre aluno e professor que é tão importante nessa etapa de ensino. Será que em uma plataforma digital esse vínculo acontece? No nosso contexto de ensino, podemos dizer que sim. Com sensibilidade, as crianças percebem esse vínculo sem a necessária presença física, porque gostam dos professores e da escola. Esse sentir-se parte do ambiente escolar faz com que o aprendizado aconteça de forma muito mais natural e gradual. Conforme destaca Rojas (2018),

Las tecnologías se enlazan en una compleja trama sociocultural que va construyendo, en cada época, subjetividades y vínculos. Ellas, las tecnologías, en su diversidad, son producidas y a la vez producen lo humano. No hay antes y después, ni uno sin otro. En la actualidad, el mundo digital constituye un universo de producción subjetiva y vincular, que da lugar a lazos y configuraciones subjetivas difícilmente atrapables en conceptos previos. (ROJAS, 2018, p.6)

Percebemos que quanto maior o vínculo com o professor ou conteúdo apresentado, maior era o interesse em ver e rever muitas vezes o material que foi enviado. No caso das aulas de música e esportes que por si já são espaços de ludicidade e toque, percebemos no caso da escola carioca, o quanto os vídeos preparados pelas professoras fizeram parte do cotidiano da casa. Muitas vezes, sendo enviados para avós e amigos próximos para socializar o que julgou lindo e de grande significado.

Nessa nova perspectiva de ensino, é fundamental desenvolver um trabalho de proximidade entre escola e aluno, criar um vínculo horizontal no qual seja possível construir uma relação com o saber. De acordo com Charlot (2002), o saber é uma forma de representação de uma atividade, de relações do sujeito com o mundo, com ele mesmo e com outros. Assim, a escola precisou levar em consideração que os processos que levam o sujeito a adotar uma relação com o saber *versus* conteúdos escolares são as estratégias pedagógicas adotadas pela escola para que os alunos percebam sentidos nas situações escolares e consigam se apropriar do conhecimento.

Podemos citar vários momentos específicos que isso aconteceu, embora essas nuances são mais presentes nos alunos e professores que conviveram diretamente. O espaço na AVA para mostrar as produções, a socialização dos vídeos das crianças, o espaço para contar como estava sua quarentena, as sugestões de atividades para realizar com os pais,

são alguns dos exemplos que podemos citar como boas práticas adotadas pela escola.

Com referência à educação presencial, igualmente válida para as aulas remotas, Libâneo (1991) afirma que as formas adequadas de comunicação contribuem de maneira desejável para a interação professor/aluno. Essa comunicação significa desenvolver uma didática que tenha sentido para o aluno, provocar-lhe entusiasmo para a sua realização e criar-lhe oportunidades para o fortalecimento de habilidades sociais.

Um destaque que fazemos para essa categoria, que reúne nossos Relatos de Experiência mais emocionados, no sentido de nos afetar com algo, está o compartilhamento entre as crianças de seu ambiente familiar. As crianças mostravam seus quartos, animais de estimação, plantas e objetos que para elas eram motivo de alegria compartilhar. Nesse ponto podemos destacar o quanto as aulas síncronas revelam uma outra maneira de estabelecer vínculos. Ao passo que pensávamos que seria algo frio, se tornou algo novo e dinâmico.

O aluno necessita se sentir atraído e, no caso do meio virtual, ainda desconhecido por muitos, em que não há uma relação face a face, as ações precisam promover contínua construção e reconstrução do saber. Nesse ambiente, é fundamental que a criança perceba que o professor se relaciona com ela, mesmo que de uma forma diferente da interação estabelecida no modo presencial, em especial porque nem sempre seus corpos podem ser visualizados completamente, o que interfere na leitura completa de como a criança se sente e ocupa o seu espaço.

Para que isso aconteça, o professor tem um papel central para construir uma didática capaz de envolver o estudante, de desafiar para que se sinta confortável em apreender. Conforme a teoria Vygotskiana é através da mediação conquistada por meio de instrumentos e signos que se dá a internalização de atividades e comportamentos sócio-históricos e culturais. Dessa forma, os professores, tiveram um tempo muito curto, para construir novos métodos e ferramentas para alcançar cada um dos seus alunos de forma particular em um meio digital. Certamente, quando o professor considerar as particularidades de cada aluno e o nível de aprendizado que este se encontra, procurando incentivá-lo a novos desafios, teremos uma aprendizagem expressiva. Esse exercício faz parte do ofício de ser professor, tanto no ensino presencial, quanto no ensino remoto para o qual as estratégias de ensino precisam ser mais cuidadosas.

Como exemplo de como tal processo acontecia no cotidiano das aulas, podemos citar ao menos duas atividades da escola mineira. Primeiramente observou-se a atividade que a professora dizia uma letra do alfabeto e as crianças tinham que procurar na casa um objeto cujo nome possuísse a mesma letra inicial. As crianças ficavam eufóricas, queriam encontrar logo o objeto e o mostrar para a professora e a seus colegas. Outra atividade que podemos exemplificar, foi quando a professora apresentou algumas parlendas e sugeriu que as crianças escolhessem uma e apresentasse para turma. As crianças tiveram que preparar previamente a apresentação dessas parlendas infantis modificadas com rimas particulares, preparadas pelas crianças, para lerem para turma. Essas atividades contribuíram para desenvolver o vocabulário e expandir o repertório de letras e palavras, além de serem dinamizadas de uma forma lúdica. Ambas as atividades que foram conduzidas com muita calma e com respeito ao ritmo de aprendizagem das crianças.

Vygotsky (1998, p. 130) afirma que “através do brincar, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto”. Assim, o brincar tem uma relação direta com os avanços de um estágio do desenvolvimento para outro e possibilita desenvolver aulas mais interessantes, dinâmicas e descontraídas. São atividades que podem ser desenvolvidas com os recursos que os alunos possuem em suas próprias casas.

Para os responsáveis é realmente um momento de desconstrução do que imaginavam ser os usos tecnológicos nesse momento. O potencial que as aulas síncronas possuem de aproximar as crianças umas com as outras e com seus professores, quando planejadas para esse meio, nos fazem refletir sobre o tempo que vivemos e as formas de ser e se relacionar.

Las tecnologías de cada época contribuyen a la configuración también de otras formas vinculares. Si tomamos en cuenta el desarrollo de las redes sociales pareciera que los seres humanos se buscan unos a otros a través de los instrumentos propios de su tiempo. En las redes, los otros están casi siempre disponibles, y pueden ser depositarios inmediatos de un número ilimitado de confesiones y opiniones, que eventualmente algunos comentarán. (ROJAS, 2018, p.6)

O tempo no espaço virtual é um elemento que gera ampla discussão no campo da didática. Insistimos que vídeos e aulas não podem ter a mesma duração do presencial e isso pode ser interpretado como um desprestígio ao papel do professor, ou da própria centralidade do ensino formal na vida de um estudante. Defendemos que, acompanhando de perto o percurso de duas crianças, percebemos quantas vezes recorrem a um mesmo material digital para elaborar suas rotinas de estudo e o quanto uma sugestão de histórias desencadeia novas e promissoras descobertas. A professora de português da escola do Rio de Janeiro sempre envia algum link de contação de história, ou vídeo com ela própria contando alguma história. Alice sempre assiste dezenas de vezes o mesmo vídeo e algumas vezes procura outras versões da mesma história no YouTube.

Então, podemos falar que o tempo de aula de português de 40 minutos por semana em atividade síncrona com a professora é multiplicado com seus vídeos de explicações, vídeos de histórias. Concordamos com Moran (2020), quando afirma que:

O online não é solução nem problema, é um ambiente que permite tanto a transmissão como a experimentação, com algumas adaptações. Escolas e universidades que estimulam o protagonismo do aluno, que trabalham com desafios se adaptaram rapidamente ao online, incentivando o aluno-pesquisador, a personalização, atividades em grupo. Mas professores que privilegiam a transmissão de conteúdo, tornam o processo cansativo, insuportável e pouco produtivo para todos. (MORAN, 2020, P.1)

POTENCIALIDADES DO MODELO E DESAFIOS PARA OS RESPONSÁVEIS

No contexto de ensino e aprendizagem remotos as realidades das escolas e famílias são diversas. Assim como as crianças, as famílias estão se adaptando a essa realidade, algumas com mais facilidades que outras, pois muitas vezes o trabalho ou a falta de tempo são algumas justificativas para que as famílias não acompanhem as aulas junto com as crianças. Entretanto, muitas vezes, as crianças dependem do auxílio de um adulto por perto no momento da aula, seja para orientar nas atividades ou até mesmo para selecionar o

material da aula.

Então, é necessária paciência dos responsáveis e também dos professores para que a autonomia seja desenvolvida pelas crianças. O uso de diversas ferramentas e da possibilidade de ver muitas vezes o mesmo vídeo (seja de explicações, histórias ou tutoriais), contribuiu para o desenvolvimento das tarefas em casa. Além do mais, hábitos e normas construídas junto com a criança também favorecem uma nova rotina de estudo em casa, pois permitem que a criança se sinta mais segura e perceba o novo contexto educativo mediante o sequenciamento espaço-temporário das aulas.

Apesar das dificuldades de muitos pais em acompanhar as aulas remotas, é preciso considerar como positivo o envolvimento deles na educação escolar. Afinal, o AVA para muitas famílias tem possibilitado uma relação mais próxima com a forma de apreender da criança. O que é extremamente importante para o desenvolvimento, porque a família é a primeira instituição em que o ser humano se insere na sociedade, por meio do qual ela começa a estabelecer seu vínculo com o mundo (GUZZO; TIZZEI, 2007).

Consideramos que o nosso envolvimento com aprendizagem das Alices foi muito importante para elas. Apesar das diversas tarefas do dia a dia buscávamos através das aulas síncronas, dos materiais e vídeos enviados pela escola compreender as propostas da escola e mediar tarefas solicitadas. Assim, acabamos refazendo nosso caminho de alfabetização, revendo concepções e métodos e compreendendo como a evolução da aprendizagem depende de relações de saber com o mundo da criança. Percebemos que a necessidade de escrever e de ler está intimamente ligada com o que se quer dizer e com o que se quer ler. (CHARLOT, 2002)

Para Vygotsky (1998), a interação social exerce um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, uma vez que ele parte do princípio de que o desenvolvimento das formas superiores do comportamento (pensar, relacionar, analisar, comparar, etc) pressupõe o aprendizado, que essencialmente interfere na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar quando o sujeito interage com outros em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros.

Em uma atividade de produção escrita, as crianças da turma da escola do Rio de Janeiro foram convidadas a descobrir objetos antigos em suas casas. Vale ressaltar que a proposta da escola está mais ou menos relacionada com o tema “coleções”, portanto, essa proposta seguiu essa temática. No caso da Alice, ela escolheu um Balangandã para fazer seu texto. Para que pudesse escrever precisou assistir vários vídeos no *YouTube* sobre o tema, aprendeu coisas sobre a escravidão que ainda não conhecia e assim fez seu texto. Foi um trabalho que se mostrou muito potente para o aprendizado da escrita, pois foi uma escolha pessoal e muito bem recebida pela professora.

Outra proposta marcante de escrita foi a elaboração de um livro, desde a dobra-dura de folhas de uma maneira especial, a encadernação, a escrita e ilustração da história. Alice escreveu sobre sua gata de estimação, animal sempre muito presente nas aulas online, juntamente com outros animais de seus colegas que aparecem nas aulas síncronas com frequência.

As experiências do trabalho remoto e do uso do AVA mencionadas neste artigo

demonstram que as escolas apostaram em projetos bastante interessantes, como: a organização de livros digitais coletivos, a elaboração de maquetes, coleções, jogos, podcast de alunos etc. A postagem desses materiais em coletâneas gerava curiosidade e levava as crianças a desejar ler e conhecer a atividade dos amigos e os tornaram produtores na AVA. A forma de apresentação desses materiais no meio digital facilitou o acesso e socialização, uma vez que tudo estava disponível. Cremos que mesmo em períodos normais, manter um ambiente como esse para a turma é de grande importância, inclusive para os pais.

LIÇÕES DE UM TEMPO QUE TODOS PRECISARAM ROMPER COM MODELOS CONHECIDOS

A educação ao longo dos anos vem ganhando novas formas imbricadas com as diferentes dinâmicas em que a sociedade se organiza. Influenciada pelo modelo econômico, cultural e social, a educação, segundo Saviani (1999, p.1) “desde que o homem é homem ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação”.

As crianças, com as quais embarcamos nessa experiência, são os chamados nativos digitais que segundo Prensky (2001) são a geração que nasceu e cresceu cercada pelo uso dos computadores, videogames, reprodutores de música digital, câmeras de vídeo, telefones celulares e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Por isso estão muito mais adaptadas à tecnologia e ficam grudados a um aparelho eletrônico por horas. Demonstrando uma facilidade natural na utilização das mídias digitais.

No entanto, a tarefa de assistir as aulas nos meios digitais não tem a mesma atratividade por se tratar de uma atividade institucionalizada e, pela própria cultura, permeada de exigências, de disciplina e de cobranças. As meninas, sujeitos desse estudo, recebiam atividades por meio digital de outros espaços sociais: amigos que socializavam atividades e vídeos, materiais que museus e espaços culturais disponibilizaram, canais do *YouTube* que apostaram em atividades pedagógicas durante a pandemia. Essas atividades sempre foram muito bem recebidas, com leveza e muito interesse, algo que sempre foi muito bem aceito independente da mediação familiar. Porém, quando se trata de materiais, conteúdos e atividades da escola que as desafiavam, porque justamente focavam no ensino da leitura e da escrita, da matemática e diferentes domínios que exigiam mais, a mediação fez toda diferença.

Vygotsky (1998) trouxe para a educação reflexões que permitem pensar a prática pedagógica sob ótica da aprendizagem. O próprio ambiente, dos significados que rodeia o mundo cultural do indivíduo. Entendemos, pois, que no dizer de Vygotsky (1998), como a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, a escola tem um papel essencial no desenvolvimento desses processos, e foi imprescindível os desafios que nos colocavam em todos os momentos, porque ao passo que geravam desconforto e investimento da família e das estudantes, permitiram grande realização na descoberta da leitura, em especial. “O bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento” (VYGOTSKY, 1998, p.74), ou seja, que os leva para outros níveis de aprendizados e impulsiona seu desenvolvimento.

Consideramos também, que o fato de a maioria das escolas não ofertarem um ensino híbrido, no qual é promovido uma mistura entre o ensino presencial e propostas de ensino online, foi mais difícil. Nem mesmo as escolas que tinham recursos tecnológicos para isso não usavam essa ferramenta para o ensino e, por diversos motivos, continuavam habituadas ao ensino mais tradicional, ou simplesmente usando os recursos digitais no

espaço escolar, sem qualquer envolvimento com a família, como é o caso das duas realidades aqui analisadas. Consideramos nossas experiências muito satisfatórias, pois a escola continuou desenvolvendo seu trabalho com as marcas próprias da instituição, passando para as famílias muita segurança e atenção ao processo de aprendizagem de cada criança individualmente.

Concordamos com Moran, quando afirma que:

- problema não está em aprendermos ou não em plataformas online.
- que está revelando este período é que a maior parte das escolas vem ensinando de uma forma inadequada, muito conteudista, dependente do professor, com pouco envolvimento, participação e criatividade dos estudantes. (MORAN, 2020, p.1)

A discussão sobre o protagonismo da criança é urgente no meio educacional. Quando a criança é um sujeito ativo e participa do processo de conhecer e aprender ela se sente mais atraída e motivada pelo conhecimento. Isso foi perceptível nas experiências aqui relatadas.

Até hoje o aluno tem permanecido nos ombros do professor. Tem visto tudo com os olhos dele e julgado tudo com a mente dele. Já é hora de colocar o aluno sobre as suas próprias pernas, de fazê-lo andar e cair, sofrer dor e contusões e escolher a direção (YGOTSKY, 2004, p. 452).

Geralmente nas escolas os alunos recebem o que o professor oferece, não são chamadas para construir juntas. O modelo implantado pela escola do Rio de Janeiro acabou favorecendo a autonomia dos estudantes. No início precisávamos ficar juntos para que Alice realizasse as tarefas, logo no segundo mês só ajudávamos se ela demandava. Dentre as estratégias desenvolvidas pelas estudantes para enfrentar os desafios a prioridade foi a tentativa de se manter sozinha, tentando compreender o que era preciso realizar. Muitas vezes percebíamos que ela saía do Padlet, procurava outras coisas no computador como músicas, desenhos e logo em seguida retornava, no seu tempo. Compreender o tempo e as formas de lidar com a novidade interposta é um caminho pedagógico de grande relevância.

Diante deste novo cenário mundial e suas consequências para a educação, é importante repensar as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC), bem como nos aproximarmos mais dessa era digital para fazer um processo de ensino diferente, deixando-nos ser mais desafiados por esse ensino híbrido.

O professor precisa ser formado dentro desse novo contexto, os estudantes dominam a linguagem digital com mais propriedade que a escola. Sendo assim, tanto a formação inicial quanto a continuada precisam inovar e trazer essas experiências para o cotidiano das práticas escolares, pois os usos das novas tecnologias de ensino e aprendizagem provavelmente vieram para ficar.

CONSIDERAÇÕES

O resultado desse tempo que passamos juntos, construindo um caminho didático pedagógico em casa, não pode ser avaliado em sua inteireza nesse momento. Necessitamos de mais tempo para compreender como se consolidou o aprendizado e como o

psicológico das crianças foi afetado.

Algumas questões podem ser discutidas agora por estarem muito presentes em nosso cotidiano, são elas: a adaptação ao novo foi mais rápida que imaginávamos, o tempo de aula nesse formato aponta mais para uma necessidade de mudança metodológica que propriamente se relaciona às tecnologias; a falta de um espaço de comunhão com os amigos é o ponto mais frágil e de difícil condução; independente do modelo ou caminho adotado, o sujeito deve ser o foco das práticas escolares; a confiança na capacidade das crianças fez muita diferença no processo, a escola passou muita segurança e isso foi muito importante. O papel do professor no processo foi imprescindível e nada pode substituir a sua atuação, o contato físico para esta fase é vital.

Destacamos o papel da mediação familiar, sem a qual o processo seria prejudicado. Aqui nem falamos de uma mediação qualificada, mas uma ajuda atenta e sensível, que já seria o bem vinda.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber** - Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Editora Artmed. 2002.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez. (14a ed.). 2011

GUZZO, Raquel Souza Lobo; TIZZEI, Raquel Pondian. **Olhar sobre a criança**: perspectiva de pais sobre o desenvolvimento. In: GUZZO Raquel Souza Lobo, et al. Desenvolvimento infantil: família, proteção e risco. Campinas, SP: Alínea. 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1991.

MORAN, José. **A Culpa não é do Online** – Contradições na educação evidenciadas pela crise atual. Educação Transformadora. 2020. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/?p=1506>. Acessado em: 20 set. 2020.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione. 5ª ed. 2010.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives**, Digital Immigrants. On the Horizon, Bradford, v. 9, n. 5, p. 2-6, out. 2001. Disponível em: <https://marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acessado em 15 set.2020.

PINO, Angel. **O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano**. Cadernos Cedes - Centro de Estudos Educação e Sociedade, n. 24 32-43. 1991.

ROJAS, Maria Cristina. **Vínculos y subjetividades en la era digital**. Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo. Revista do NESME, 2018, V. 15, N.1 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v15n1/v15n1a09.pdf>. Acessado em 02 set. 2020.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acessado em 12 ago. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed. 2004.